

# A CARREIRA DA PICHÇÃO EM ETAPAS DE (DES)ENVOLVIMENTO

THE CARRER OF GRAFFITI IN DEVELOPMENT STAGES

*Vinicius Moraes de Azevedo\**

**Cite este artigo:** AZEVEDO, Vinicius Moraes de. A carreira da pichção em etapas de (des)envolvimento. **Revista Habitus:** Revista de Graduação em Ciências Sociais do IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1 , p.41-51, 15 julho 2015. Semestral. Disponível em <[www.habitus.ifcs.ufrj.br](http://www.habitus.ifcs.ufrj.br)>. Acesso em: 15 julho de 2015.

**Resumo:** Este artigo parte de uma pesquisa etnográfica realizada com grupos de pichadores que atuam em bairros periféricos do município do Rio de Janeiro. A pesquisa foi realizada dentro de um projeto que tem como objetivo investigar o uso do desenho como forma de significar a experiência de viver em ambientes urbanos. O cenário da pichção carioca forneceu interlocutores que me apresentaram suas perspectivas e interpretações do ambiente urbano tendo a pichção como norte. Observamos que diferentes níveis de envolvimento com a prática da pichção levam a diferentes mudanças na subjetividade e percepção do indivíduo e da forma como ele dialoga com a cidade. Baseado nesse enigma, vamos analisar fases de envolvimento do indivíduo com a pichção, observando de que forma ocorre o diálogo com a cidade em diferentes níveis de complexidade.

**Palavras-chave:** Pichção, Antropologia urbana, Antropologia visual, Rio de Janeiro

**Abstract:** This article is part of an ethnographic research conducted with groups of taggers operating in the suburbs of Rio de Janeiro. The research was conducted within a project that aims to investigate the use of drawing as a way of signifying the experience of living in urban environments. The scene of graffiti in Rio de Janeiro provided speakers who showed me their perspectives and interpretations on the urban environment with graffiti as a guide. At field, we have observed that different levels of involvement with the practice of graffiti lead to different changes in subjectivity and perception of the individual and the way he relates himself to the city. Based on this puzzle, we shall analyze the individual stages of involvement with graffiti, noting how dialogue occurs with the city, at different levels of complexity.

**Keywords:** Tagging, Urban Anthropology, Visual Anthropology, Rio de Janeiro

O excesso de informação presente nos ambientes urbanos faz com que os indivíduos desenvolvam formas de lidar com isso. Um processo de filtragem provoca a todo momento um exercício de qualificação daquilo que se vê; separando as coisas em o que é interessante olhar e o que não é. Isso faz com que o exercício visual em cidades grandes possa ser dividido em três níveis: ver, olhar e observar.

Quando estamos vendo um objeto estamos fazendo um simples exercício de passar os olhos sobre ele. É um exercício desprezioso; apenas uma impressão é suficiente. Olhar, por sua vez, é uma tarefa mais cuidadosa; quando estamos olhando para algo, estamos interessados em saber mais sobre o objeto em questão, buscar mais detalhes. Contudo, quando queremos compreender um objeto em sua totalidade é necessário a observação. Observar consiste em dispendar tempo analisando. A observação é um exercício visual que exige o pensamento e a reflexão.

Diferentes tipos de pessoas realizam esse processo de observação do ambiente urbano cotidianamente. Através dessa observação realizada por todos os indivíduos que ocupam esse espaço torna-se possível a construção de formas para lidar com esse excesso de informação existente nas cidades. Cria-se uma espécie de padrão (mesmo que fluído) de experiência visual nas cidades; um condicionamento do olhar. Contudo, é preciso atentar para o fato de que as pessoas não enxergam a cidade de uma forma homogênea e uniforme. Kuschner (2013) aponta para grupos de “desenhadores urbanos” que utilizam-se do desenho para significar a experiência de viver essa complexidade dos ambientes urbanos. Em seus desenhos, os “urban sketchers” ilustram suas experiências características de espaços urbanos e contribuem para a problematização de diversos conceitos e noções visuais que podem ser exploradas em diferentes áreas do conhecimento.

Para me auxiliar nesse processo de problematização da experiência visual em ambientes urbanos busquei por uma categoria de pessoas desse espaço que enxergasse a cidade sobre uma perspectiva diferente do habitual. Foi assim que decidi realizar uma pesquisa etnográfica com pichadores que se reúnem e atuam nos bairros de subúrbio da cidade do Rio de Janeiro. Esta categoria de indivíduos, através deste tipo singular de grafismo (pichação, tag), significa e orienta parte da sua experiência nas cidades, iniciando um processo de ressignificação dos espaços urbanos.

Acompanhei grupos de pichadores de março a novembro de 2013, realizando observação participante, entrevistas, além de produção e coleta de material gráfico relativo ao tema. Esses grupos de pichadores encontram-se semanalmente em diferentes pontos da cidade. Existem encontros abertos que são livremente divulgados e ocorrem em espaços públicos geralmente, e encontros fechados, de coletivos, que marcam as reuniões em locais onde só convidados possuem conhecimento. Durante a realização dessa pesquisa, frequentei encontros abertos e fechados, a fim de estreitar relações com os interlocutores. Ao longo da experiência, os interlocutores aceitaram minha companhia na prática da pichação nas ruas da cidade, bem como colaboraram para elaboração do material de pesquisa participando das 23 entrevistas semiestruturadas realizadas. Estive concentrado especificamente nos pichadores que atuam e se encontram na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, nos bairros do Cachambi, Meier, Engenho Novo, Engenho de Dentro, Lins e Tijuca. Tive como ponto inicial a “REU (reunião) do Meier” (encontro semanal de pichadores).

A pichação é uma permissão e um convite para olhar a cidade sob novas perspectivas. Nessa prática, os indivíduos iniciam uma busca pelo respeito da comunidade da pichação, que está especialmente interessada em indivíduos capazes de realizar o máximo possível de

assinaturas nas paredes da cidade. Imersos nesse processo, os pichadores iniciam o que poderíamos chamar de uma *carreira desviante* dentro da pichação, nos termos de Becker (1963). O nível de envolvimento com essa carreira é, basicamente, um processo intenso de relativização dos conceitos visuais habituais em grandes cidades. A questão é observar como diferentes categorias do ambiente urbano significam um mesmo espaço de diferentes formas, transformando-o em um espaço fluído, passível a diferentes interpretações.

## 1. A carreira da pichação em etapas de (des)envolvimento

*“A pichação é o esporte das ruas; o jogo da tinta! Eu gosto de ver por esse lado... A pichação faz com que a gente teste os nossos próprios limites. Para mim é até terapêutico.” Pichador, 23 anos.*

Para analisar os dados da pesquisa decidi me orientar baseado no conceito de *desvio* trabalhado por autores como Gilberto Velho (1979) e Howard Becker (1963). Becker, em “Outsiders: estudos de sociologia do desvio”, apresenta o conceito de *carreira desviante*, que servirá como base para análise da pichação. Decidi apoiar-me nessas abordagens pois ambos autores trabalham o *desvio* não como algo patológico, mas como uma categoria de acusação; mostrando que o próprio conceito é fruto de acusações morais. Estamos buscando justamente fazer um exercício de relativização, daí a importância de utilizar conceitos que garantam esse tipo de liberdade intelectual.

A fim de organizar os conceitos nativos, separei a trajetória de uma carreira na pichação em quatro etapas: aproximação, aprofundamento, questionamento e consolidação. Cada mudança de etapa representa a absorção de novos conceitos e ressignificações obtidas através do conhecimento da linguagem da pichação. A fim de apreender essa linguagem e esse conjunto de ressignificações, vamos simular através desse texto uma passagem por essas quatro etapas da carreira, tendo como base as experiências que conheci através da realização da pesquisa etnográfica. Em cada etapa vamos explorar como o interlocutor dialoga com o ambiente urbano em diferentes intensidades, proporcionais ao nível de seu envolvimento com a carreira da pichação.

O tempo que cada indivíduo leva para percorrer as etapas da carreira é variável. A maioria dos entrevistados começa na pichação com aproximadamente 16 anos. Becker (1963) traça um modelo sequencial de desvio para explicar como os indivíduos chegam ao ponto de iniciar uma carreira considerada desviante. Neste artigo vou concentrar minhas análises a partir do momento que essa carreira começa, fazendo algumas breves considerações sobre como isso ocorre no campo da pichação.

Nesse contexto e campo específicos, entende-se por pichação a prática de pintar assinaturas (nomes) nos espaços disponíveis no ambiente urbano. Aqueles que compreendem a linguagem da pichação e sua lógica representam a comunidade do Xarpi, nome dado pelos interlocutores para categorizar tudo aquilo que diz respeito a pichação; Xarpi é “piXar”

(Oliveira, 2009) dito na linguagem “TTK”. Esse dialeto foi inventado pelas pessoas desse universo na cidade do Rio de Janeiro e funciona como um instrumento de comunicação próprio da comunidade. As palavras são pronunciadas silabicamente ao contrário. “TTK” vem da palavra Catete dita silabicamente ao contrário. Isso porque muitos interlocutores afirmam que essa linguagem foi inventada no bairro do Catete, localizado na cidade do Rio de Janeiro.

Todo pichador possui uma assinatura (um nome) que contém em média quatro letras. O principal objetivo na carreira é divulgar o seu nome o máximo possível através da pichção. Há uma disputa interna sobre quem possui mais assinaturas na cidade. Quanto mais assinaturas um determinado pichador possuir, maior será o respeito obtido dentro da comunidade.

Ocorrem diversas reuniões de pichadores em diferentes pontos da cidade. As mais conhecidas são reuniões que ocorrem em espaços públicos, onde diversos grupos de pichadores se encontram e debatem sobre suas produções, bem como sobre as produções de todos os pichadores conhecidos pela comunidade. Aqueles que estão produzindo de forma satisfatória são exaltados nas reuniões e ganham cada vez mais respeito do grupo. Aqueles que não executam pichções da maneira “adequada” também são lembrados nas reuniões, mas são difamados e perdem respeito na comunidade. Essas reuniões são, na maioria das vezes, realizadas em caráter de confraternização. Um espaço e tempo para discutir a respeito da prática, mas também para estreitar relações internas, estabelecer grupos e coletivos (siglas) que atuam de forma mais organizada, etc.

Os pichadores produzem para aqueles que compreendem a linguagem da pichção e suas simbologias; eles não possuem interesse de dialogar com outras categorias externas. O diálogo entre o pichador e a cidade citado neste contexto ocorre de maneira indireta. A cidade que dialoga com a categoria de pichador é representada, basicamente, por suas categorias antagônicas. Tratando-se de uma pesquisa etnográfica com pichadores, sou capaz de reproduzir somente suas perspectivas e a impressão que eles possuem sobre a perspectiva dos agentes antagônicos a pichção. Na maioria das vezes, esse diálogo ocorre em forma de conflitos causados por uma disputa sobre a utilização dos espaços da cidade. Esse conflito ocorre pois a pichção está orientada por uma interpretação desviante do espaço, isto é, que não é compartilhada pelo público em geral, externo à comunidade.

Quando apontamos para a fala da cidade, estamos generalizando as convenções morais, produzidas e reproduzidas cotidianamente pelas diversas categorias que ocupam este espaço. O diálogo que ocorre entre a pichção e a cidade inicia-se com o pichador ocupando os espaços de forma desviante (invadindo e pichando locais e muros). A cidade não responde o pichador de outra forma a não ser através da reação das categorias antagônicas ao pichador que também ocupam o espaço, contudo, dotados de uma lógica e interpretação de uso do espaço que segue padrões diferentes.

## 2. Etapa de aproximação

*“Eu tacho mais nome no meu bairro mesmo, mas é só as vezes. Comecei pichando na*

*escola, escondido dos inspetores. Depois eu fui ficando animado e decidi ir pra ação de verdade... Eu assino Void que é o nome de um filme que eu gosto.” Pichador, 17 anos.*

Não pretendo dar conta de analisar todos os diversos fatores possíveis que motivam um adolescente a ingressar na prática da pichação. Nos bairros do subúrbio carioca, variadas circunstâncias podem contribuir para que isso ocorra. Minha intenção não é responder porque o jovem inicia uma carreira na pichação, mas sim como se dá seu processo de aproximação com esse mundo, para assim compreender o que é alterado ao entrar nessa perspectiva. Conforme as teorias de Becker (1963) sobre carreira desviante, as entrevistas e a observação etnográfica mostram que o primeiro contato com a pichação se dá através de amigos que já eram pichadores. Esse contato ocorre geralmente no ambiente escolar ou no bairro. Através de uma conversa sobre o tema, o desviante torna visível para o indivíduo em etapa de aproximação como é possível obter prazer através da prática e do domínio da linguagem pichação.

As curiosidades a respeito da sensação provocada pela prática levam o indivíduo a realizar suas primeiras pichações. A maioria dos interlocutores afirmam que as primeiras assinaturas são sempre “obras do acaso” ou “aleatórias”. Também pouco pensam sobre o nome que será assinado na parede. Muitos lembram de apelidos de infância, nomes de personagens de ficção, etc. Quando solicitei que falassem um pouco sobre as primeiras vezes em que picharam, as circunstâncias apresentadas eram bem similares. A oportunidade de realizar uma pichação costuma surgir inesperadamente. O indivíduo nesta etapa não planeja o ato de pichar com antecedência. Esse “acaso” que o leva a pichar pode se repetir diversas vezes. O que faz diferença é se essa pichação vai se manter esporádica, ou se o indivíduo irá se interessar cada vez mais sobre o tema. Existem pichadores que permanecem na etapa de aproximação sem maiores pretensões durante muito tempo. Cada etapa da carreira possui momentos-chave que irão indicar sua progressão.

Na etapa inicial, um dos momentos mais importantes é quando o indivíduo decide começar a frequentar as reuniões de pichadores. Raramente o indivíduo possui contato com a comunidade da pichação antes de ser convidado a participar. Os conhecimentos que possui sobre o tema estão restritos aos comentários que ouviram dos amigos pichadores. Isso pouco afeta sua percepção sobre o ambiente urbano. O jovem iniciante só executa pichações de vez em quando e geralmente no bairro em que mora ou em bairros vizinhos. Alguns não vão adiante, pois não se sentem motivados e acabam encerrando sua carreira antes mesmo de começá-la efetivamente. No entanto, muitos indivíduos se interessam pela atividade e decidem começar a frequentar as reuniões para descobrir cada vez mais sobre a pichação. Estes são os indivíduos que seguem para a etapa que estamos denominando aqui de “aprofundamento” na carreira de pichador.

### **3. Etapa de aprofundamento**

*“Eu, particularmente, estou interessado em mídia. Eu quero saber de divulgação! Não estou interessado se fulano ou cicrano gostou que eu pichei o muro todinho. Eu nunca respeitei nada; eu picho escola, hospital, igreja. Quero mídia!” Pichador, 18 anos*

Esta é, a meu ver, a etapa mais importante da carreira. É nesse momento em que o processo de construção da identidade do pichador se torna mais intenso. Agora, sabendo da existência de uma comunidade que detém a vivência e os conhecimentos sobre a linguagem da pichção, o indivíduo começa a ter um contato e adquirir as técnicas envolvidas. O domínio da linguagem da pichção representa a potencialização da prática. Através do contato com a comunidade, o indivíduo aprende a olhar, a avaliar o que é uma pichção “bela”, quais são os “bons lugares” para pichar, as técnicas para evitar o flagrante, etc. É neste momento que inicia-se um processo de alteração da subjetividade, portanto, uma mudança na perspectiva e na forma de interpretar os espaços da cidade.

O sucesso na carreira da pichção não é somente uma questão de quem possui mais pichções – é também uma disputa de quem picha “melhor”. Trata-se de uma comunidade com simbolismos próprios, que está sempre avaliando qualitativamente a ação de seus participantes. Assim, aprender a linguagem da pichção significa aprender também seus principais critérios de avaliação. São eles: o destaque visual da assinatura, a dificuldade de acesso ao local pichado e a durabilidade da assinatura no local escolhido. Para satisfazer esses três critérios, os pichadores iniciam um processo de pesquisa sobre a cidade para encontrar os espaços no ambiente urbano que atendam a esses critérios. Na etapa de aprofundamento, o pichador é levado a dominar as técnicas que levarão a uma potencialização de sua prática, como diz um pichador que foi ouvido na pesquisa:

*“Tem que pichar nos locais certos senão você só gasta tinta à toa. Não adianta pichar onde vão apagar no outro dia. Não adianta pichar em rua que ninguém vai ver, não adianta picha em lugar escondido. Se for para cagar muro é melhor deixar espaço pra outro! Eu, antes de pichar, fico escoltando o pico mais de uma semana, vendo a hora em que o cara vai dormir, vendo se tem segurança no local. Tem que estar na atividade!” Pichador, 26 anos.*

Sendo assim, além de conhecer as técnicas próprias da pichção, é necessário dominar o ambiente em que se atua. Ou seja, para uma carreira de sucesso na pichção é necessário conhecer a cidade.

“Quem não é visto não é lembrado.” Essa é uma das principais lógicas da pichção. Se na etapa de aproximação o pichador só atuava em seu próprio bairro, no aprofundamento da carreira isso é impraticável. A prática precisa passar a ser frequente e regular. O bairro já não é suficiente. É necessário atingir mais pessoas, sobretudo de outros bairros. Nesta etapa, o envolvimento com a cidade é um ponto crucial, e é normal que a pichção seja praticada cerca

de quatro vezes por semana. Em quanto mais bairros da cidade o pichador espalhar seu nome, maior será o seu prestígio junto à sua comunidade de pichadores. É preciso estar em sintonia com o fluxo de movimentação da cidade. Muitos se orientam para as principais ruas dos bairros, refazendo os trajetos das linhas de ônibus a pé para pichar. O objetivo é divulgar o nome o máximo possível. O destaque visual vem através da repetição da assinatura: “antes de querer atenção você tem que fazer com que olhem pra você.”, diz um pichador. É necessário fazer com que o nome fique conhecido através da divulgação massiva.

Em busca de maiores níveis de dificuldade, muitos pichadores optam por desafiar as alturas da cidade. Prédios, casas de diversos andares, marquises, postes etc. Tudo que pode ser escalado se torna um alvo em potencial. Quanto maior for a altura alcançada pelo pichador em uma escalada, maior será o respeito obtido perante a comunidade. Pichações que são realizadas em grandes alturas e ainda por cima em ruas famosas da cidade, isto é, com grande circulação de pessoas e veículos, são as mais aclamadas pelos pares. Quanto maior for o risco para o pichador, maior será a recompensa em termos de prestígio dentro do grupo.

Conseguir que as pichações realizadas fiquem expostas durante o máximo de tempo possível é outro dos grandes desafios dos pichadores. As pichações não são bem aceitas pela maioria dos indivíduos externos ao grupo. Como veremos adiante, muitos acham que a pichação degrada um local, o que faz com que elas sejam removidas com frequência. Portanto, cabe ao pichador identificar espaços “eternos”, como se diz no vocabulário nativo: paredes de pastilha, pedra, mármore e outras superfícies que tornam a remoção da pichação complicada. Fachadas de prédios antigos, grades de estabelecimentos, casas abandonadas e espaços públicos são também locais visados, pois raramente passam por manutenção, deixando que as pichações sejam expostas ali por longos períodos.

A etapa de aprofundamento é a fase em que o pichador está mais “dedicado” à carreira. Não há uma duração padrão, mas quanto mais tempo o pichador se mantém nesse ritmo de produção, maior será o seu reconhecimento pela comunidade. Sendo assim, pichadores que se aventuram em grandes alturas, realizam pichações regularmente e exploram ao máximo diferentes áreas da cidade ganham a admiração de grande parte da comunidade já nesta etapa da carreira. Porém, o reconhecimento da comunidade não aponta necessariamente para a consolidação da carreira. A maioria dos pichadores ouvidos atravessou um período de incerteza a respeito da continuidade da carreira. O momento-chave que marca o fim desta etapa de aprofundamento é quando o pichador começa a refletir sobre os riscos da prática, marcando assim a entrada na etapa que podemos chamar de “questionamento”. Geralmente, esta etapa se desencadeia por dois motivos mais comuns: contato com a morte (falecimento de amigos, experiências de “quase morte”) e/ou a necessidade de investir em outros projetos de vida, sobretudo naqueles que contam com maior aprovação das pessoas externas à comunidade da pichação.

#### 4. Etapa de questionamento

*“Eu fico pensando se a minha vida vale uma assinatura na parede. Porque eu posso*

*morrer a qualquer momento fazendo isso. E se eu não morrer, provavelmente, vou perder bastante tempo nisso. É isso? Quando tudo se resume a isso, vale a pena?"*  
*Pichador, 22 anos.*

A prática da pichação é considerada crime. As acusações vão de destruição de patrimônio a crime ambiental. Este fato por si só contribui consideravelmente para que aqueles que são pichadores sejam acusados constantemente de desviantes (marginais). (Existem diversos outros fatores que contribuem para a pichação ser vista de forma negativa por quem não a pratica, mas não tenho como desenvolver esse debate neste artigo). Como toda prática que é vista como um “mal”, a pichação é combatida e repreendida. Sendo assim, diversos “empreendedores”, nos termos de Becker (1963), atuam contra os pichadores na cidade: policiais militares, seguranças particulares e guardas municipais se apresentam como responsáveis pela “manutenção da ordem”. Moradores e proprietários de locais pichados também atuam como agentes antagônicos usando de diversas estratégias para combater os pichadores.

Também é elevado o número de interlocutores que conhecem um ou mais casos de pichadores assassinados por moradores e proprietários dos locais pichados. Na maioria das histórias ouvidas, o que ocorreu não foi o assassinato motivado pela danificação do patrimônio, mas sim pela suspeita de outros crimes moralmente mais condenáveis. Nos termos de Goffman (1988), a categoria pichador apresenta uma *identidade social estigmatizada*. Apesar de não possuir elementos visuais gritantes que apontam para o *estigma*; uma breve análise de contexto (roupas sujas, barulho de equipamentos, invasão de propriedade fora de horário comercial) remete ao pichador pego em flagra o potencial para crimes como sequestro, assalto a mão armada, etc. Isso faz com que o número de histórias de pichadores assassinados “confundidos com bandido” seja elevado no campo.

Para se proteger desse combate, os pichadores procuram executar suas assinaturas da forma mais furtiva possível. Eles realizam suas escaladas e invasões da forma mais simples possível, evitando chamar atenção. Raramente utilizam algum equipamento de segurança, mesmo para grandes alturas. Nesses casos, a pichação é uma prática extremamente perigosa: o número de fatalidades é alto. Não existem estatísticas exatas a respeito disso. Contudo, a maioria dos pichadores ouvidos conheciam algum caso diferente de morte.

Experiências que causam esse nível de stress acabam gerando um processo de reflexão sobre a prática a longo prazo. O pichador vê a morte de perto a todo momento. Muitos se desequilibram e caem de grandes alturas, são assassinados, sofrem experiências traumáticas quando pegos em flagra. Após algum tempo atuando em alta produtividade, os pichadores confrontam a si mesmos e questionam a continuidade na carreira.

Por ser uma prática criminalizada, muitos pichadores mantêm a carreira como uma atividade secreta (exceto entre seus pares, claro, uma vez que a fama e a notoriedade dentro do grupo é um de seus objetivos centrais). Contudo, pode ser uma tarefa muito complicada manter

uma vida dupla nessas circunstâncias. Em geral na etapa de aprofundamento, a carreira na pichação chega ao conhecimento de familiares e de amigos mais próximos. Estes quase sempre procuram influenciar o interlocutor a pôr um fim na carreira desviante e a “começar a pensar em ter uma vida normal”. Esses personagens antagônicos, em sua maioria, enxergam o desvio da pichação como algo patológico. Muitos influenciam os pichadores a buscar a “cura” em instituições religiosas e a encerrarem sua carreira.

Esta etapa de questionamento pode durar um longo período tempo. É normal que o pichador tente parar de pichar e fracasse várias vezes. “É quase como tentar parar de fumar”, diz um pichador. Se comparado à etapa de aprofundamento, o ritmo de produção nesta fase mostra uma queda acentuada, e pichar deixa de ser uma prática tão agradável. É comum que a realização de uma pichação venha seguida de um sentimento de culpa. É nesta fase que muitos pichadores decidem encerrar a carreira para se dedicar a uma “profissão”, constituir uma família ou perseguir outros planos, mais próximos ao ideal de vida de sociedades industriais.

## 5. Etapa de consolidação

*“Não existe isso (vida sem pichação)! Pra mim, pichar é a única coisa que faz sentido. Eu só estou sendo eu quando estou escalando algum pico. É disso que eu gosto! Meu emprego, minha profissão, tudo é só uma desculpa. Eu nunca vou parar de pichar; a pichação que vai se aposentar de mim quando ela achar que deve. Meu sangue virou tinta preto fosco! É o que eu sempre digo; a raposa velha perde os dentes mas não perde o hábito de caçar.”*  
Pichador, 35 anos

Nem todos os pichadores se rendem aos apelos da etapa que estou chamando de “questionamento”. Alguns deles superam as incertezas desta fase e mergulham em um novo processo de construção de identidade na carreira da pichação. A etapa de “consolidação” representa a superação da maioria dos questionamentos que travavam o desenvolvimento da carreira da pichação. Essa superação é possível através da adoção de diversas motivações ideológicas. A aprovação da comunidade sempre será importante, mas nessa fase já não é mais a motivação principal. Os pichadores passam a desenvolver suas próprias motivações e interpretações para a atividade.

Muitos dos pichadores que chegam a esta etapa ganham o status de “lenda” perante a comunidade. A pichação passa a ser encarada de diferentes formas: um processo de autoconhecimento, de superação dos limites, um momento de liberdade. Nesta etapa, também ocorre a conciliação da carreira da pichação com uma “profissão normal”. A maioria dos entrevistados que estavam “consolidados” na época da pesquisa possuem mais de 25 anos de

idade. Eles não cogitam parar de pichar. A pichança faz parte das suas vidas, do seu cotidiano. Parar de pichar seria perder uma parte significativa do sentido da própria vida.

A maioria dos pichadores nesta etapa da carreira pouco frequenta as reuniões abertas da comunidade. Muitos relatam que se sentem observados demais nesses eventos. Pichadores-lenda não estão mais presos às regras e técnicas iniciais da pichança. Experimentam e exploram suas habilidades, testando limites e criando inovações que posteriormente são absorvidas e reproduzidas pela comunidade.

Nesta etapa o pichador alcança um nível avançado de capacidade de observação do ambiente. Traçam rotas de entrada e saída de locais e sabem se camuflar no ambiente urbano. Ser pego em flagrante não pode mais ser uma possibilidade. A ambição da maioria dos pichadores nessa etapa é orientada no sentido de atribuir uma singularidade e originalidade ao seu nome. Muitos alegam querer possuir assinaturas, como me disse um deles: “no país inteiro, em todo lugar que eu pisar!”. A quantidade de informação que cada pichador nesta etapa da carreira pode fornecer é enorme, de tal forma que seria possível realizar um estudo focado somente nestes interlocutores.

## **6. As diversas cidades diferentes dentro do espaço urbano**

Os dados dessa pesquisa também nos estimulam a pensar sobre o espaço. A cidade, tal como definida pelo nosso senso comum, precisa ser reavaliada. Uma placa, um prédio, um ônibus, um muro – esses elementos adquirem diferentes significados para as diversas pessoas que circulam à sua volta. A cidade não é um espaço físico e fixo. A carreira na pichança oferece um conjunto de novas interpretações sobre antigos elementos, deixando evidente a existência de diversas cidades dentro de uma só.

A linguagem da pichança, além de diversas outras contribuições para a reflexão, aponta para a complexidade dos ambientes urbanos. Os espaços da cidade são interpretados de diferentes formas e esse conflito ideológico gera diversas relações sociais como observamos no caso da pichança. O desafio do pichador de manter sua assinatura e sua carreira como uma constante atuando no espaço urbano vai diretamente de encontro com os interesses de suas categorias antagônicas, que atuam no combate a pichança: judicialmente, apagando assinaturas, castigando fisicamente, etc. Essa disputa ideológica sobre a utilização dos espaços atua diretamente na manutenção do cenário da pichança, dando continuidade a um movimento cíclico. São justamente os aspectos antagônicos presentes nesse contexto que criam as relações sociais e motivações necessários para a perpetuação do mesmo.

Como já afirmei, não optei por estudar a pichança para fazer uma análise moral sobre a validade da prática. Através da pichança, os indivíduos ganham motivação e objetivo para ir em locais da cidade que dificilmente pensariam em ir outrora. A pichança se apresenta como uma permissão/motivação para viver fora do conhecido e do habitual. Quando estou me locomovendo pela cidade, dedico grande parte do tempo que passo no transporte lendo as pichanças nas paredes. Fazendo isso vejo muitos detalhes que passavam despercebidos por mim. Eu simplesmente nem percebo que estou olhando para uma “casa”, um “poste”, uma “placa”. Não me preocupo com as informações que esses locais fornecem dentro de um olhar

genérico. Nesse momento de leitura das pichações no transporte, estou *observando* as assinaturas, avaliando suas técnicas, alturas, pingos; identificando padrões e considerando as escolhas dos pichadores que as escreveram. Isso só deixa mais evidente como somos capazes de nos deixar levar por diversas perspectivas diferentes. Grande parte do processo de compreensão do outro é perceber que nossa própria perspectiva e a do outro são somente formas diferentes de compreender e orientar no mundo. 🌐

## NOTAS

\*Vinicius Moraes de Azevedo é graduando em Ciências Sociais pelo IFCS/UFRJ. Integra o Laboratório de Antropologia Urbana nesta instituição, sob orientação da Professora Karina Kuschnir. Email: [viniciusmoraes.az@gmail.com](mailto:viniciusmoraes.az@gmail.com)

## REFERÊNCIAS

- BECKER, Howard S. 2008 [1963]. **Outsiders. Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar. 232pp.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- KUSCHNIR, Karina. **Desenhando cidades. Revista Sociologia & Antropologia**, v.2, n. 4, 2012, 295 –314
- OLIVEIRA, Gustavo Rebelo Coelho de. **PiXação: arte e pedagogia como crime**. 2009.
- VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade**. Rio de Janeiro, Zahar, 2013.

Recebido em 29/03/2014

Aceito em 31/07/2014